

# *História da Conservação e Restauro e Arqueologia*

Gonçalo Velosa\*

## ABSTRACT

This work refers to the history of conservation related with archaeological aspects in a synthetic way. It is not much developed due to the limitations of pages as also to the running schedule. This article reaches since the earlier concerns of conservation, till the most modern concept of archaeological conservation.

**Keywords** Archaeology  
Restore  
Scientific Methodology  
Roots  
Conservation  
History

## ÍNDICE

Introdução  
Origem e Desenvolvimento  
Restauro de Vestígios Arqueológicos  
O Restauro de Antiguidades e as Coleções  
Friederich Rathgen: O "pai" da Conservação Arqueológica Moderna  
A Metodologia Científica e a Conservação em Arqueologia  
Desenvolvimentos Actuais e Prática  
Conservação Arqueológica Actual  
Conclusão  
Bibliografia

---

\* Aluno do 4º ano da Licenciatura Bietápica em Arqueologia da Paisagem do Departamento de Gestão do Território do Instituto Politécnico de Tomar

## INTRODUÇÃO

Este trabalho incide numa perspectiva histórica da conservação e restauro e arqueologia, uma visão sintética e sucinta dos factos mais relevantes. Não foi muito aprofundado devido à limitação de páginas e ao tempo disponível para a pesquisa.

## ORIGEM E DESENVOLVIMENTO

Os primeiros restauros eram feitos nas oficinas dos artesãos e artistas das grandes civilizações. A transição destas origens para o conceito moderno de conservação é do interesse particular da conservação arqueológica. Os restauradores que trabalharam na recuperação de Herculaneum, Pompeia e Estábia influenciaram os académicos e cientistas da época em que foram descobertas, destacando-se Winckelmann com as suas teorias. O desejo de querermos observar os objectos na sua forma original e de diferenciarmos réplicas/original levou-nos à procura de procedimentos científicos. Estes juntamente com a necessidade de estabelecermos a origem da sua manufactura e um desenvolvimento sistemático de critérios para resolvermos as questões dos materiais dos objectos e suas técnicas fez com que introduzíssemos a análise química nos artefactos antigos.

A Análise de metais de escavações progride rapidamente entre 1800 e 1875 com a publicação de 25 artigos em 1850 e outros mais em 1875. Um estudante da historiografia da conservação dá credibilidade à pesquisa arqueológica estabelecendo a filosofia de preservar criações originais e acabando com o restauro destrutivo desde o séc. XVI até ao séc. XIX.

A primeira tentativa para aplicarmos experiências práticas e de conhecimento científico no restauro foi publicada por Bonnardot em 1846 e 1858. A aplicação de técnicas de várias áreas e comunicações entre académicos e cientistas sobre o problema de preservação foram explorados pelo Cardeal Ehrle, guardião da Biblioteca do Vaticano e promotor da Conferência Internacional de St. Gallo sobre a preservação de materiais de arquivo em 1898. Foi seguido pela conferência dos Arquivistas em Dresden em 1899, pelo Congresso Internacional de Bibliotecários em Paris em 1900, e o estabelecimento de uma comissão científica para o estudo do decaimento do couro pelo The London Society for the Encouragement of Arts, Manufacture and Commerce, em 1900. Uma comissão semelhante foi criada na Alemanha em 1911, e, no mesmo ano a fundação de um laboratório de restauro do Archivio Centrale dello Stato em Roma.

## RESTAURO DE VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS

No século XVIII, escavou-se em Roma como também em Ostia aumentando o número de museus existentes na altura. O maior acontecimento, no entanto, foi as novas descobertas arqueológicas e em particular as descobertas de cidades soterradas: Herculaneum, Pompeia nas encostas do Vesúvio.

As maiores descobertas arqueológicas do séc. XVIII estavam sob a influência do Neoclassicismo, em que se tornou num movimento reaccionário contra o Rococó e o excessivo Barroco final. O Neoclassicismo defende uma nova definição de arquitectura, mas a sua aproximação penetrou em todas as áreas da arte e contribuiu para a fundação do Mundo Moderno.

No entanto os sítios arqueológicos permaneceram enterrados até ao início do séc. XVIII. Cerca de 1711, d'Elboeuf, oficial da cavalaria austríaca, fez algumas escavações na sua propriedade perto de uma pequena cidade Portici. Os seus trabalhadores descobriram três estátuas romanas de rara qualidade representando duas jovens senhoras e uma senhora adulta. D'Elboeuf restaurou as estátuas e mandou-as como um presente para o seu superior, príncipe Eugène, que as exibiu no seu Palácio em Viena. Mais tarde, as estátuas foram adquiridas para as colecções em Dresden.

Domenico Fontana enquanto estava a construir um aqueduto, decidiu não destruir os achados de um *nymphaeum*.

As escavações começaram imediatamente no sítio onde d'Elboeuf encontrou as estátuas descobrindo-se um teatro identificado como parte da *Herculaneum*. Rocco Giochim de Alcubierre ficou responsável pelas escavações até à sua morte em 1780. No dia 24 de Julho de 1755, o rei providenciou uma legislação para proteger a importante herança de Roma e na área de Naples. Esta proclamação incide principalmente os objectos encontrados em escavações e mantidos à guarda da casa real nas suas colecções.

As várias escavações eram documentadas. Em 1750 Borro e Weber desenharam 404 registos arqueológicos. A documentação preparada pelo Weber foi cuidadosamente guardada, e foram publicados uma série de oito volumes, *Le Antichità di Ercolano esposti* sendo publicada desde 1755 até 1792, ilustrando os objectos encontrados na escavação. Em 1761, o ministro ordena a remoção e destruição das pinturas murais encontradas nos edifícios. Os melhores mármore, mosaicos, bronzes, foram restaurados ficando sem a patina original.

Depois de 1765, La Vega começa a documentar sistematicamente. Propõe a preservação e protecção dos frescos da Casa del Chirurgo *in situ* e construiu uma casa, igual às casas antigas, para os turistas pernoitarem, com fins didácticos.

Na 2.ª metade do séc. XVIII e no começo do séc. XIX, as cidades antigas de Sicília foram incluídas no circuito turístico, e, visitadas por milhares de turistas.

## O RESTAURO DE ANTIGUIDADES E AS COLECÇÕES

Durante o princípio do Renascimento, os antigos fragmentos de obras de arte começaram a ser coleccionados para serem estudados. Petrarca tinha uma colecção de medalhas. Mantegna dispunha as estátuas no seu jardim. As Famílias importantes florentinas, na sua maioria banqueiros como os Medici tornam-se patrocinadores de arte e arquitectura. Eles tinham colecções de obras de arte, distribuídas no seus palácios e vilas, como símbolos do seu estatuto.

Em Roma, a maior colecção de objectos e os mais antigos objectos Cristãos pertenceram ao Cardeal Pietro Barbo, depois ao Papa Paulo II (1464-71), que construiu o Palazzo Venezia como uma galeria onde expôs essa colecção.

Nos finais do séc. XV, existiam 40 colecções em Roma, mas durante o próximo século elas aumentaram devido ao aumento de construções e escavações. Julius II (1503-1513) nomeou Bramante para construir um jardim na Villa Belveder no Vaticano para seleccionar as estátuas antigas e colocá-las no jardim. Durante o séc. XVII, foram desbobertos outras obras e os preços subiram para os pequenos coleccionadores.

Nas primeiras colecções, as estátuas antigas mutiladas e os fragmentos arquitectónicos eram normalmente deixadas como tinham sido encontradas e expostas no interior ou no exterior dos palácios. Já no séc. XV Donatello restaura e completa fragmentos antigos patrocinado pelos Medici para a decoração do seu palácio em Florença. Lorenzetto e Raphael foram patrocinados pelo Cardeal Andrea Della Valle (1463-1534) para conceber os estábulos e o jardim introduzindo antigas colunas e outros elementos como decoração e completam estátuas com braços mutilados ou pernas. Está prática permanece como uma moda em Roma. Giorgio Vasari (1511-75), que publica a *Vida dos Pintores, Escultores e Arquitectos em 1500* fica muito impressionado com o conceito de restauro e contribui para essa moda com a declaração "(...) 'as Antiguidades restauradas possuem certamente mais graça do que as mutiladas, sem membros e cabeças' (...)" (Jokilehto, 1999:67)

O restauro fazia parte da actividade normal de qualquer escultor, e poderia ser usado como teste das capacidades de um artista. Por esta altura discute-se: o conceito de restauro. A maioria queria completar os fragmentos da obra de arte de maneira a tornarem-se mais aprazíveis e agradáveis; e existiam outros que admiravam a qualidade da obra original em demasia para poder restaurá-la; por um lado preserva-se a estátua no seu estado original, e por outro lado, o restauro da sua forma que poderia ser a original. Esta questão não

era a de “restauro moderno”, mas uma reintegração estética tendo como base uma ideia da forma original. Várias estátuas monumentais foram restauradas para espaços públicos, como por exemplo, Capitol Hill por Miguel Ângelo que constrói uma estrutura à volta da estátua de Marcus Aurelius.

Enquanto o restauro de estátuas para as colecções continua como um trabalho de rotina para os escultores, torna-se também um tema para debate, particularmente no séc. XVIII. Desde o princípio, no entanto, as duas atitudes, preservação ou restauro, foram somente teorizadas refletindo-se no tratamento de edifícios antigos. O revivalismo do Classicismo era baseado no estudo de monumentos clássicos, e possuíam tratados arquitectónicos do séc. XV e XVI. Este tratados referiam-se a princípios de construções sólidas e duráveis e sua manutenção, e também chamavam a atenção à documentação e protecção dos recursos do Renascimento, os próprios monumentos.

**Orfeo Boseli** (c. 1600 -?) , discípulo de Francis Duquesnoy escreve um tratado sobre as esculturas antigas, apresentando o princípio da pose, proporções e iconografia. Esta análise era a preparação essencial para uma correcta restauração e admirava restauros feitos por Bernini, Algardi e Duquesnoy.

**Raphael Mengs** (1728-79) era um teórico do neoclassicismo, prepara um teoria sobre as integrações na escultura, e afirma que existe regras para distinguirmos as partes restauradas da parte original.

**Bartolomeo Cavaceppi**, publica os seus restauros, e indica quais as partes que foram restauradas e qual era a parte original. Primeiro, afirma que o restaurador tem de ter um bom conhecimento de história da arte e de mitologia, que se ganha consultando especialistas nessa área. Segundo, os novos fragmentos devem ser feitos com o mesmo tipo de mármore igual ao da escultura original e respeitando a intenção artística da obra. Terceiro, aponta que quando adicionamos os fragmentos à obra estes têm que ser reajustados à superfície original. O objectivo do restauro tinha fins didácticos. Estuda em especial o tratamento das superfícies das estátuas antigas. Afirma que os restauradores queriam suavizar esta superfície, perdendo assim qualquer traço da potencialidade do escultor da antiguidade. Seguindo a linha de pensamento de Winckelmann, afirmou que antes de recuperarmos ou restaurarmos uma escultura mutilada devemos definir e compreender o seu significado original. Todos os tratamentos devem ser efectuados de acordo com o material original, e devem ser compatíveis com as intenções do artista da obra. Por outro lado, reconhece que devemos dar prioridade à admiração da obra de arte original, e conseqüentemente as restaurações e adições modernas não deverão desviar o observador ou artista no estudo do objecto. O restauro deverá ser relacionado com o objecto original.

**Ennio Visconti** (1751-1818) sucede a Winckelmann como Comissário de Antiguidades e Museus em Roma, mais tarde conservador no Louvre em Paris. As estátuas restauradas na sua oficina eram vendidas a vários museus e colecções particulares. Enquanto que estas reintegrações eram aceites no séc. XIX, posteriormente estas mudanças na política do tratamento originará por vezes a limpeza da “patina artificial”. Em muitos casos, esses restauros eram retirados e a estátua original ficava reduzida ao estado fragmentário.

#### FRIEDERICH RATHGEN: O "PAI" DA CONSERVAÇÃO ARQUEOLÓGICA MODERNA

A publicação de Harold Plenderleith *The Preservation of Antiquities* em 1934 marcou o começo do que foi descrito como conservação arqueológica “moderna”. Esta era considerada a “Bíblia” da conservação e serviu como modelo nesta área. Vários indivíduos promovem o desenvolvimento da conservação arqueológica, mas **Friederich Rathgen** foi o mais proeminente. Desenvolve e aplica métodos físico-químicos para a conservação de antiguidades. Esta ideia é concebida no seu livro *A Conservação de Antiguidades* publicada em 1898. Publica mais de 60 artigos sobre a tecnologia e conservação de artefactos arqueológicos. A partir daqui nasce a conservação como uma disciplina separada e por esta razão ele foi considerado o “pai” da conservação arqueológica moderna. Reconhece a necessidade de uma abordagem mais sistemática na conservação de antiguidades, procurando uma explanação para as suas deteriorações através da compreensão do mecanismo pelo qual os materiais arqueológicos corrompem ou deterioram.

O seu trabalho quebrou os mitos associados à degradação das antiguidades, tornando-se assim

responsável por um dos desenvolvimentos mais importantes na conservação arqueológica e expande-se para a conservação e preservação de edifícios históricos e monumentos. Determina as condições exactas do efeito das intempéries que ocorre sob os edifícios de pedra, para esse objectivo, testa onze pedras diferentes. Descobre que nenhuma preparação era completamente eficaz para a prevenção do decaimento de todos os edifícios de pedra e que diferentes pedras necessitam de tratamentos diferentes.

Foi o primeiro cientista a trabalhar num laboratório associado a um museu, a adoptar uma abordagem científica no tratamento de artefactos, a perceber que os artefactos do museu poderiam ser manufacturados por artesãos desenvolvendo assim, métodos de tratamento especificamente na área de conservação.

Em 1926, publica uma compilação de todos os estudos conduzidos até à altura no tratamento e preservação de esculturas de bronze, incidindo no mecanismo em que a patina é formada nas esculturas e a sua relação e a composição da mistura de bronze. Em 1934 em colaboração com J. Koch, publica um monógrafo intitulado *Deterioration and Preservation of Building Stone: Contribution to the Problem of Stone Preservatives*, em que sintetiza a maior parte do seu trabalho incidindo na preservação de edifício de pedra.

## A METODOLOGIA CIENTÍFICA E A CONSERVAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

A primeira publicação americana que relaciona a conservação arqueológica foi o artigo de Forrest E. Clement *American Antiquity* em 1936. Foi somente com o trabalho de Keel publicado em 1964 que a arqueologia Americana teve um manual concebido especialmente para colecções americana em museus e em condições de armazenamento. O seu trabalho foi influenciado por Plenderleith (1956) – *The Conservation of Antiquity and Works of Art*.

Com a metodologia científica a tecnologia da altura foi rapidamente aplicada para a resolução de problemas que teriam resultados desastrosos se não fossem analisados. Por exemplo, Leechman avisou o uso de nitrato de celulose dissolvido em acetona como um consolidante vários materiais. No entanto esta nova tendência do uso de tratamentos químicos foi questionada muito cedo por Gettens, que sugere o uso da solução de celulóide ou parafina era inadequado em alguns objectos.

Nos últimos vinte anos tem-se verificado uma utilização de produtos sintéticos utilizados para a conservação e restauro. Este processo informal desenvolve-se ao mesmo tempo que a disciplina amadurece. Com o passar do tempo tornou-se evidente que estes tratamentos em tempo real e os efeitos em variadas condições poderão produzir resultados inesperados.

Desde a fundação do Instituto de Arqueologia por Sir Mortimer Wheeler em 1937 na Universidade de Londres, estas atitudes científicas têm ajudado o arqueólogo na escavação, na recuperação de artefactos e num procedimento de laboratório para a sua preservação. A arqueologia marinha e subaquática está dependente da recuperação devido a sistemas desenvolvidos por conservadores/restauradores.

O arqueólogo requer muitas vezes a microanálise de materiais para conhecer a composição química ou traços dos elementos, por exemplo. Poderemos através deles aprender sobre as tecnologias antigas pela análise detalhada dos artefactos e os seus componentes. A partir deste ponto o cientista interliga-se com a arqueometria Quando sabemos a técnica de manufactura do objecto poderemos fazer uma réplica do objecto.

## DESENVOLIMENTOS ACTUAIS E PRÁTICA

Com o rápido crescimento no aparato tecnológico e procedimentos complexos analíticos na arqueometria e conservação, os cientistas especializados tornam-se mais prevaletentes. **Werner** desenvolve a conservação etnográfica, em particular objectos orgânicos frágeis; **Robert M. Organ**, especializa-se no tratamento e

armazenamento de metais e madeira; **Garry Thomson**, especializa-se na climatização de museus; **W. Oddy**, concentra-se no estudo sobre metais e pedra: corrosão e deterioração, prevenção e tratamento.

Os franceses publicam the *Studies of Conservations* com a documentação detalhada dos trabalhos, particularmente sobre a conservação e análise de metais arqueológicos. Os italianos contribuem com a prospecção do sítio até ao tratamento de objectos de madeira. Na polónia e Checoslováquia, documentam tratamentos de artefactos arqueológicos. Na área de conservação de têxteis, o primeiro atelier de conservação foi organizado por dois directores de museu de Estocolmo sob a liderança de **Agnes Branting** em 1908. a pesquisa científica e análise foram aplicadas na conservação de todos os tipos de têxteis, incluindo têxteis arqueológicos. Os conservadores da Escandinávia fizeram avanços na conservação de barcos na Dinamarca.

O arqueólogo deverá compreender o que deverá ser feito no trabalho de campo e o que deverá ser tratado no museu ou no laboratório. Na prática, o arqueólogo deverá ter objectivos específicos em que dirá o tipo de conservação. O diálogo entre o conservador e o arqueólogo deverá ser um processo constante aquando a actualização dos trabalhos de campo e discutir os efeitos a longo prazo de tratamento incluindo aqueles que poderão esconder pesquisa ou análise. A pesquisa e a experimentação deverá ser feita pela recuperação e preservação dos artefactos.

## CONSERVAÇÃO ARQUEOLÓGICA ACTUAL

Ao longo de 40 anos a conservação tem sido desenvolvida para uma parte integrada da arqueologia.. Exige não só um alto nível de habilidade mas também uma compreensão do processo da arqueologia, um conhecimento do material científico e de tecnologias avançadas.

O desenvolvimento do aspecto investigativo da conservação tem sido em parte devido ao uso do microscópio e radiografias. Antigamente, a limpeza dos artefactos era vista como a remoção dos materiais alterados ou aderentes ao artefacto, deixando somente o que permanecesse na sua condição "original" para parecer com a forma que teria na Antiguidade.

The United Kingdom Institute of Conservation of Historic and Artistic Works tem produzido directrizes sobre estas questões complicadas da ética nas áreas de conservação arqueológica.

Uma prática muito importante é o registo de documentação, não só do tratamento que é usado mas também do se observa do objecto e os materiais que são retirados. São registados por diversas razões: para o registo de informação observada durante a limpeza investigativa; para facilitar tratamentos posteriores no futuro; para registarmos o grau de intervenção para futuras análises; para acrescentarmos novos dados para melhorarmos as técnicas de conservação.

A conservação arqueológica requer muita pesquisa para vários problemas, como por exemplo recuperação de muitos metais retirados de escavações ou desenvolvimento de polímeros sintéticos. Enquanto que o conservador obtém vários dados e pesquisa novos métodos de conservação, este necessitará da ajuda de cientistas especializados em corrosão de metais e uma engenheiro químico, havendo teoricamente, uma interdisciplinidade de variadas áreas trabalhando todas para o mesmo fim.

## CONCLUSÃO

O desenvolvimento da conservação em arqueologia baseou-se nas publicações americanas e europeias.

A crescente tendência de especializações em conservação nas variadas áreas e a interligação de instituições/ universidades com projectos a nível da arqueologia farão que num futuro próximo haja um maior numero de artefactos recuperados das escavações, por conseguinte, um aumento de colecções e de museus. Esta estará sempre associada ao progresso da tecnologia e novas e mais viáveis técnicas de recuperação de

vestígios arqueológicos.

Devemos ter em conta a interdisciplinidade: conservador/ arqueólogo para que a longo prazo possamos usufruir visualmente os artefactos recolhidos das escavações.

#### BIBLIOGRAFIA

*"Archeologia Recupero e Conservazione"*; Instituti per i beni artistico e naturali della Regione Emilia – Romagna; Editora Nardini.

*"Acropolis Restoration –The CCAM interventions"*; Edições Academy; Londres 1994.

JOKILEHTO, Jukka; *"A History of Architectural Conservation"*; Jukka Joliehto 1999; pp. 22 – 67.

MADSEN, Helge Brinch; *"Handbook of Field Conservation"*; Royal Danish Academy of Fine Arts, School of Conservation; 1994.

[http://aic.stanford.edu/jaic/articles/jaic26-02-003\\_5.html](http://aic.stanford.edu/jaic/articles/jaic26-02-003_5.html)

[http://aic.stanford.edu/jaic/articles/jaic26-02-004\\_1.html](http://aic.stanford.edu/jaic/articles/jaic26-02-004_1.html)